

Palestra Itália e Corinthians: roteiro de uma pesquisa em História Oral e futebol

Alfredo Oscar Salun

RESUMO: Este trabalho apresenta o roteiro utilizado na elaboração de uma pesquisa em História Oral em relação ao futebol, especificamente a Sociedade Esportiva Palmeiras e o Sport Clube Corinthians Paulista entre 1940-1942 frente à política nacionalista do Estado Novo.

PALAVRAS-CHAVE: História Oral, Futebol, Estado novo.

ABSTRACT: This paper presents the script used in the preparation of Oral History research in the relation to football/soccer, specifically *Sociedade Esportiva Palmeiras/Palmeiras Sport Society* and *Esporte Clube Corinthians Paulista/Corinthians Paulista Sport Club* between 1940 and 1942 from of the nationalist politics of the Estado Novo.

KEYWORDS: Oral Hhistory, Football/soccer, Estado novo/new state.

História do Projeto

A temática central da tese “Palestra Itália e Corinthians: quinta coluna ou tudo buona gente?” foi o processo de nacionalização de entidades esportivas durante o Estado Novo, especificamente a Sociedade Esportiva Palmeiras e o Sport Clube Corinthians Paulista.¹

No início do projeto, pensávamos focalizar exclusivamente as questões relacionadas ao episódio da alteração do nome Palestra Itália para Palmeiras em 1942, e nosso primeiro passo, foi entrevistar atletas e associados dessa entidade que vivenciaram tal acontecimento. A segunda etapa constituiu-se em analisar os documentos cartoriais, como os arquivos do DEOPS, jornais e revistas de época, atas e outros documentos da Federação Paulista de Futebol e agremiações.

Ao analisarmos as informações contidas nos prontuários do DEOPS sobre as entidades esportivas paulistanas, nos chamou a atenção o fato do dossiê sobre o Sport Clube Corinthians Paulista ser maior que o do Palmeiras. Procuramos na história o motivo dessa vigilância e tomamos conhecimento do episódio referente à intervenção do governo no clube, devido ao viés político-nacionalista. Os sintomas da vigilância diziam respeito ao fato de o Corinthians ser dirigido por um presidente de origem espanhola, Manuel Correcher, e de acordo com o órgão máximo dos esportes nacionais, o Conselho Nacional de Desportos (CND), isso era irregular.

Resolvemos então entrevistar torcedores e jornalistas esportivos ligados ao Corinthians, na medida em que poucos trabalhos se aprofundaram nesse tema. Invariavelmente as narrativas seguiram esse mesmo rumo, ou seja, a intervenção do CND no clube em janeiro de 1941.

Durante a pesquisa preliminar nos prontuários do DEOPS, identificamos que os primeiros relatos policiais sobre o Palestra Itália datavam oficialmente a partir de janeiro de 1942, um mês após a

¹ SALUN, Alfredo Oscar. **Palestra Itália e Corinthians**: Quinta coluna ou buona gente? 282 f. Tese (Doutorado em História Social)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas,

entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial. Entretanto no Corinthians, os primeiros informes eram de 1940. No início, suspeitamos que poderia ter ocorrido algum equívoco nas datas constantes dos boletins policiais, pois acreditávamos na hipótese até então consagrada pela historiografia futebolística, de que a intervenção no clube em 1941 com a deposição de Manuel Correcher, assim como a mudança do nome Palestra Itália para Palmeiras em 1942, fossem frutos de uma mesma conjuntura, a repressão aos súditos do Eixo aliada à legislação nacionalista².

O Corinthians, entre 1935-1940, teve como presidente o espanhol Manuel Correcher, um presidente “folclórico” e que, de certa forma, tornou-se característica do clube, que contou, em seus quadros administrativos nas décadas seguintes, com personagens como Alfredo Inácio Trindade e Vicente Matheus.

Os títulos obtidos pela administração Correcher contentaram a torcida corinthiana, mas algumas derrotas em 1940 permitiram a ação coordenada de um grupo opositor, como já havia ocorrido em outras ocasiões³. Assim, a crise política no Corinthians em junho de 1940 que culminou na derrubada de Correcher pela oposição, teve como ponto nevrálgico o embate entre facções pelo domínio do clube, fato tão ostensivo, que resultou na intervenção pelas autoridades estaduais ligadas ao DEESP (Diretoria de Esportes do Estado de São Paulo) em janeiro de 1941.

Portanto, ao contrário do que até então estava estabelecido oficialmente na história do clube e nos relatos dos colaboradores, não houve relação desse episódio com o Conselho Nacional de Desportos (CND), criado somente no mês de abril de 1941 mediante o decreto presidencial de Getúlio Vargas, que realmente cerceou os direitos esportivos de inúmeros estrangeiros.

² Em janeiro de 1942 o governo brasileiro se posicionou oficialmente ao lado dos Estados Unidos contra as potências do Eixo, em face disso, submarinos alemães e italianos atacaram navios brasileiros, ocasionando a declaração de guerra. O governo estabeleceu uma forte vigilância contra os súditos do Eixo: alemães, italianos e japoneses, temendo atos de espionagem e sabotagem.

³ Esses enfrentamentos entre grupos podem ser notado: em 1915 com a crise na gestão de Ricardo Oliveira e 1933 na demissão de Alfredo Schuring. O mesmo fato se repetiu recentemente na queda do presidente Alberto Dualib e seu grupo de apoio.

O Palestra Itália teve neste mesmo período (1935-1941), como dirigentes máximos, Rafael Parisi e Ítalo Adami, este esteve envolvido na transição em 1942, para Higino Pellegrini, que vivenciou a mudança do nome para Sociedade Esportiva Palmeiras, que, de certo modo, foi um fator de união entre dirigentes, sócios, jogadores e torcedores em defesa do clube. Sobre esse processo, entrevistamos atletas, torcedores e dirigentes que vivenciaram esse episódio.

Entendemos que o processo de intervenção\nacionalização foi vivenciado de maneira oposta pelas duas equipes; enquanto, no Palestra Itália, foi erigida uma saga vencedora em relação aos atos opressores do Estado e se transformou em um episódio digno de lembrança, no Corinthians esse mesmo fenômeno esteve pautado pelo apagamento.

Nos dois casos, exploramos as especificidades do processo de intervenção\nacionalização, mas também apontamos um ponto traumático esquecido na história e apagado da memória coletiva das respectivas colônias: o mês de outubro de 1942, quando o governo Vargas proibiu a permanência dos “súditos do Eixo” como associados nos clubes e agremiações, intimidando-as com ameaças de intervenção e confisco do patrimônio.

História Oral e o projeto

A partir das observações efetuadas por José Carlos Sebe Bom Meihy (2005), a história oral não só oferece uma mudança de conceitos de história, como também garante sentido social a vida dos entrevistados e leitores, que passam a entender a sequência histórica e sentem parte do contexto em que vivem. Marc Bloch (1997) afirmou que não estudamos o “passado pelo passado”, mas é necessário inserir o homem no seu tempo. Nesse sentido, Lucien Febvre (1992) analisou que tanto a Revolução Francesa em si, como o homem, seus desejos, sentimentos e interesses, são objetos da história. José Carlos Sebe Bom Meihy, em suas pesquisas, tem corroborado com essa visão ao defender a valorização dos homens e o processo de humanização da história:

A história é feita pelas pessoas comuns, com sentimentos, paixões, idealizações... todos são personagens históricos, o cotidiano

e os grandes fatos ganham equiparação na medida em que se traçam para garantir a lógica da vida coletiva. (MEIHY, 2005, p. 20)

Dessa forma, autonomia, valorização e transformação social são elementos presentes no processo de pesquisa com a oralidade. Ela é enriquecedora para a compreensão de qualquer fenômeno, inclusive o futebol e não se resume a trabalhar o espetáculo, o jogo ou campeonato, mas também o seu significado para quem participa como atleta, dirigente, jornalista ou torcedor.

Os estudos sobre a oralidade têm destacado a importância de valorizar as narrativas como “experiências”. Foram essas experiências sobre o processo de intervenção/nacionalização dos clubes, que nos permitiram discutir a existência/permanência de uma memória coletiva, que surge na narrativa dos entrevistados (denominados de colaboradores) identificados como palmeirenses ou corinthianos.

Ao estabelecer a história oral como parte deste trabalho, partimos dos documentos cartoriais e tradicionais para as narrativas, buscando um ponto de equilíbrio na combinação da história oral de vida em um projeto misto.

Para José Carlos Sebe Bom Meihy:

Há projetos temáticos que combinam algo de história oral de vida. Nesses casos, o que se busca é o enquadramento de dados objetivos do depoente com as informações colhidas. Essa forma de história oral tem sido muito apreciada porque a informação ao ser mesclada à situações vivenciais, ganha mais vivacidade e sugere características do narrador. (MEIHY, 2005, p. 148).

O Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO) tem advogado, ao longo do tempo, uma relação respeitosa e de valorização ao colaborador, reconhecendo a existência de uma questão de poder, que aproxima as discussões entre a oralidade e o processo de mediação.

O NEHO propõe uma relação de autoridade diferente das velhas práticas, que consideravam a entrevista como o produto final. O debate sobre esse fato altera o metabolismo do poder de comando da pesquisa, até os limites do seu uso. A moderna história oral delega muita atenção ao entrevistado, dando-lhe o direito de veto e censura da própria fala.

O narrador assume o papel de personagem essencial no projeto, que implica um jogo de autoridade, onde o poder de uso da entrevista não depende apenas do diretor do projeto. Diferentemente do jornalista ou de outras formas de utilização da história oral, em que o entrevistado muitas vezes não recebe ciência do trabalho final. Reconhecemos que o procedimento de “transcrição” não é a derradeira etapa, pois existe a necessidade da devolução que, em última instância, revela um compromisso com o colaborador. De acordo com essa perspectiva, algumas das entrevistas realizaram-se em mais de uma sessão e todas passaram pelo crivo final de cada colaborador.

Para o antropólogo Gilberto Velho (2001), não existe vida social sem memória e esta sofre mudanças e transformações, que fazem com que possa haver alterações de ênfase e de destaque, mas sempre existe um referencial básico misto de valores e crenças que sustenta a comunicação entre indivíduos e grupos. Essa comunicação pode ser entendida como parte constitutiva das identidades que, de acordo com Zygmunt Bauman (2002), em nosso mundo contemporâneo marcado pela diversidade, algumas são de nossa própria escolha; outras são infladas e lançadas por pessoas em nossa volta. Bauman discorre sobre a existência de comunidades de vida e de destino, cujos membros vivem juntos numa ligação absoluta e outras que são fundidas unicamente por ideias ou por uma variedade de princípios.

José Carlos Sebe Bom Meihy e Fabíola Holanda (2007), afirmam que estamos submetidos a uma multiplicidade de polos identitários que, dentre outros, sugere a questão étnica, de classe e de faixa etária. Assim, ao focalizarmos a mudança de nome Palestra-Palmeiras, no momento em que ocorreu uma campanha “nacionalizante” do Estado — apoiada pela repressão policial no combate à quinta-coluna e aos “súditos do Eixo” —, percebemos que foi um episódio marcante para uma colônia que encontrava em um clube como o Palestra Itália um local de recreação e de manutenção dos seus traços culturais.

Essa comunidade de destino, formada por torcedores marcados pela identidade palestrina (que não era só o clube, mas as tradições culturais dos vários grupos de imigrantes italianos e seus descen-

dentess) que o compunham. A construção de uma identidade “palestrina” se alimentou no discurso de vítima, quando o clube Palestra Itália esteve ameaçado de intervenção policial, com a possibilidade de fechamento e confisco de patrimônio. Se existiu uma vítima, necessariamente temos um algoz. Nesse contexto, prevalece nas narrativas dos colaboradores um “discurso comum” em relação à suposta “conspiração” dos dirigentes do São Paulo Futebol Clube com as autoridades, objetivando a apropriação do patrimônio palestrino. Esse rival assume um papel de destaque nessa memória coletiva, na medida em que a repressão do DEOPS e o Estado Novo se tornam atores coadjuvantes nas narrativas.

Os colaboradores

Como se optou pela utilização de um Núcleo Documental heterogêneo, no intuito de explorarmos diferentes aspectos sobre o processo de nacionalização/intervenção do Corinthians e Palmeiras, foi elaborado apenas um roteiro para nortear as entrevistas, já que os colaboradores estavam informados de nossas intenções e o tema que pretendíamos abordar.

As narrativas de colaboradores identificados como “palmeirenses” e “corinthianos” remetem às experiências individuais e à tradição familiar passadas pela geração que presenciou o episódio da nacionalização/intervenção dessas agremiações e que transmitiram pela oralidade suas experiências sobre esse evento, que entrelaçou a história do clube com a história de cada colaborador. Ao reconhecermos que as pessoas podem ser identificáveis por diversos critérios, encontramos nas entrevistas indicações da importância do futebol como um dos possíveis pressupostos articuladores de identidades:

Eu sempre fui palmeirense, pois os filhos tinham que seguir o rumo dos pais. Essa educação esportiva já vinha de berço. No tempo que era garoto ainda se chamava Palestra Itália e independentemente de ter ocorrido à troca de nome ainda sou palmeirense. (Antônio Rago, jun. 2002).

Os italianos, os imigrantes da península, quando vieram para o Brasil, não eram italianos. A unificação da Itália tinha acabado de ocorrer. Portanto, possuíam um sentimento regional muito forte,

eram bareses, napolitanos, calabreses, vênnetos... o Palestra é um aspecto muito importante, era um locus de identificação dos imigrantes; muitos não tinham em mente a unidade política italiana. Esse imaginário e essa identidade foram sendo construídos aqui. Por isso, o Palmeiras não é um simples clube". (Luiz Gonzaga Belluzo, ago. 2004).

"Ser corintiano está relacionado à tradição paterna" (Celso Unzelte, out. 2004, mar. 2005).

"Sou neto de libanês, meu pai era brasileiro e tinha certo orgulho de ser corinthiano, minha paixão pelo clube foi herdada dele". (Juca Kfoury, mar. 2005).

A partir dessa Comunidade de Destino (torcedores de futebol com forte ligação emocional com esses clubes), foram formadas duas colônias e suas decorrentes redes. Houve uma pergunta de corte específica para cada uma delas. Para a Colônia formada pelos torcedores do Palmeiras: o significado da mudança do nome do clube e os efeitos desse episódio para os seus torcedores (individual\coletivo). Já a Colônia formada por torcedores do Corinthians: Os efeitos da deposição de Manuel Correcher e a intervenção do governo no clube.

Comunidade de Destino – Torcedores do Palmeiras e Corinthians.

Colônia – Torcedores do Palmeiras

Rede 1 – Formada por atletas e torcedores que vivenciaram o período, de forma direta e que estiveram presentes na partida entre Palmeiras e São Paulo em 1942.

Rede 2 – Formada pelos colaboradores que vivenciaram o período, mas não estiveram presentes na partida histórica.

Rede 3 – Torcedores associados e não associados que conviveram com a memória familiar e a tradição do clube. Como a mudança do nome Palestra Itália para Palmeiras, foi um episódio de grande importância na história do clube e em narrativas familiares, buscamos torcedores que tenham uma vivência familiar e uma relação de poder, afetiva ou profissional com o Palmeiras.

Colônia – Torcedores do Corinthians.

Dividimos essa colônia em duas redes específicas:

Rede 1 – Jornalistas esportivos com trabalhos escritos sobre o Corinthians e que escreveram sobre a repressão e a campanha de nacionalização, buscamos nessa colônia, “experiências” e “versões” em relação ao tema.

Rede 2 – Torcedores associados e não associados que conviveram com a memória familiar e a tradição do clube, principalmente familiares de antigos dirigentes.

Na realização da tese, foram entrevistadas vinte e duas pessoas, que compuseram nosso grupo de colaboradores. Duas entrevistas foram feitas em grupo, por pedido dos colaboradores, que justamente envolviam netos de dirigentes esportivos da década de 1930 e 1940. Todas as outras entrevistas foram individuais e algumas, em mais de uma sessão.

Memória, silêncio e tradição no processo de nacionalização/intervenção no Palmeiras e Corinthians

Como particularidade no episódio envolvendo o Corinthians, pudemos observar que nas crises anteriores em 1915 e 1933, foram os sócios-atletas (de origem operária) que se rebelaram contra os dirigentes provenientes de outros estratos sociais. Em 1940-1941, as facções não estavam divididas por esse critério e o embate foi entre grupos que disputaram o controle da agremiação e que resultou na intervenção do DEESP, pois estava se estabelecendo uma política de controle e organização dos esportes por parte do governo.

Nesse sentido é interessante a tese de Michael Pollak:

Em face dessa lembrança traumatizante, o silêncio parece se impor a todos aqueles que querem evitar culpar as vítimas. E algumas vítimas que compartilham essa mesma lembrança, comprometedoras, preferem elas também guardar silêncio. Em lugar de se arriscar a um mal entendido sobre uma questão tão grave... (POLLAK, 1989, p. 56)

Cogitamos que o “silêncio” sobre o processo de intervenção no Corinthians, pelas pessoas que dirigiam o clube e foram depostas, está ligado diretamente aos traumas internos causados pelas acusações de cunho pessoal. O mesmo se procedeu, por parte da oposição, que, no final, não conseguiu manter-se na direção do clube ou comprovar suas suspeitas. Dessa forma, inicialmente se promoveu “pelo silêncio” uma história dignificante, criando-se vítimas, no caso Manuel Correcher e o Corinthians. Essa suposição pode ser avaliada, ao identificarmos que os principais auxiliares do presidente deposto, Manoel Domingues Correia e Alfredo Ignácio Trindade, comandaram o clube nos anos seguintes e provavelmente preferiram manter o silêncio sobre a fatídica intervenção.

Em um segundo momento, o silêncio foi primordial para o processo de apagamento, em que os interesses ideológicos da instituição se sobrepujaram à memória individual, o que, para Alessandro Portelli (1993), é indício de uma memória dividida: a memória oficial e a dos que vivenciaram o ocorrido. Segundo o mesmo autor, elas não são conflitantes, mas tornam-se fragmentadas e isso, em nosso entender, indica que a constituição da memória do grupo, sobre esse episódio, acarretou a criação de uma história mitificada.

Logrou-se dimensionar os motivos que contribuíram para o apagamento da memória sobre o processo de intervenção. Entretanto, houve um drama no qual encontramos 120 vítimas no processo de nacionalização do clube e que teve relação direta com a política nacionalista e o CND em 1942. E, sobre isso, não obtivemos uma única palavra dos colaboradores ou qualquer informação nos anais da instituição.

Diferentemente, o processo de nacionalização da Sociedade Esportiva Palmeiras se tornou um evento significativo, pois foi erigida uma epopeia vitoriosa e gravada como marco na sua história. A mudança do nome, a vitória obtida contra o São Paulo FC e a conquista do título fundamentaram um ideário que serviu de ponto de partida para uma nova fase, denominada “arrancada vitoriosa”, que é emblemática como consagração da própria identidade e de onde se cunhou a frase: “morreu Palestra, nasceu campeão”.

Nas entrevistas concedidas por nossos colaboradores palmeirenses, foi possível identificarmos diversos aspectos de unidade nas

narrativas e que vão ao encontro da tese de Meihy e Holanda (2007) e Halbwachs (1990), sobre a formação da memória coletiva do grupo. Nesse sentido, os eventos de 1942 são marcas integrantes, pois implicam um discurso de “união” e “vitória”, como motivação positiva em relação ao papel de vítima da instituição, perante uma trama elaborada pelos dirigentes do São Paulo FC com as autoridades.

Os responsáveis pela perseguição, os prelados obedientes ao governo Getúlio Vargas (e o CND e DEESP) cederam seu espaço para outro “vilão”, que, de coadjuvante, tornou-se o ator principal do acossamento: os dirigentes do São Paulo Futebol Clube, como pode ser observado nas entrevistas e em vários *sites*, que compartilham idêntica percepção histórica e reforçam nossa interpretação sobre a uniformidade da memória.

E, mesmo nos escritos oficiais, como um opúsculo produzido em 2005, na comemoração dos 60 anos da criação do Conselho de Orientação e Fiscalização (COF), notamos a permanência desse sentimento, que, para Maurice Halbwachs (1990), é prova da aceitação dessa versão pela memória coletiva, que é observada na oralidade, por isso, as narrativas possuem o mesmo referencial básico.

Ironicamente como no Corinthians, não conseguimos dos colaboradores ou em documentos cartoriais do clube, qualquer informação sobre outubro de 1942, quando os súditos do Eixo “palestrinos”, tiveram o mesmo destino dos seus rivais do Parque São Jorge, demonstrando como a história desses dois clubes “irmãos”, estiveram muitas vezes entrelaçadas.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003 .

_____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BLOCH, Marc. **Introdução à História**. Rio de Janeiro: São Paulo: Fórum de História, 1997.

- BOSI, Ecleia. **Memória e sociedade**. Petrópolis: Paz e Terra, 1984.
- FEBVRE, Lucien. Combates pela História. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). **Febvre**. São Paulo: Ática, 1992. Coleção Grandes Cientistas Sociais.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo. Editora Vértice, 1990.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**: Ed. da Unicamp, 1996.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo, Contexto, 2007.
- _____. MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **A colônia brasilianista: História oral e vida acadêmica**. São Paulo: Nova Stella, 1990.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2005.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.
- PORTELLI, Alessandro. **Sonhos ucrônicos: memória e possíveis mundos dos trabalhadores**. In: Projeto História 10, São Paulo, 1993.
- RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **Visões e Perspectivas: Documento em História Oral. Oralidades: Revista de História Oral**, São Paulo, NEHO-USP, n. 2, p. 35-44, jul./dez. 2007.
- TORREMOBELL, Maria Carme Boqué. **Cultura de mediación e cambio social**. Barcelona: Gedisa, 2003.
- SALUN, Alfredo Oscar. **Palestra Itália e Corinthians: quinta coluna ou buona gente?** 2008. 282 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Orientador Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy.
- VELHO, Gilberto. Memória, cultura e sociedade: In LEIBING, Annette; BENNINGHOFF, LÜHL-BENNINGHOFF, Sibylle (Org.). **Devorando o tempo: Brasil, o país sem memória**. São Paulo: Mandarim, 2001.

Análise da construção do ídolo a partir da trajetória de Ademir da Guia

Sérgio Settani Giglio

RESUMO: O objetivo deste trabalho é analisar a construção do ídolo no futebol tendo como pano de fundo a trajetória do ex-jogador Ademir da Guia. Os dados foram obtidos a partir de diversas fontes, tais como, uma entrevista com o ex-jogador, programas de televisão e livro sobre o atleta. A relação entre os dados e a bibliografia sobre o tema é explorada ao longo do texto para dar sentido e desvendar como se forma um ídolo no futebol. A partir dessa trajetória específica procuramos evidenciar que o ídolo é formado a partir da categoria tempo e espaço.

PALAVRAS-CHAVE: Ídolo, Futebol brasileiro, Trajetória.

ABSTRACT: This paper aims to analysis the construction of the idol in soccer, having as its basis the trajectory of the ex player Ademir da Guia. The data were obtained from several sources, such as an interview with the player, TV programs and a book about the athlete. The relation between the data and the bibliography is explored along the text in order to give meaning and discover how an idol in soccer can be formed. From this specific trajectory we seek to evidence that the idol is formed from a category of time and space.

KEYWORDS: Idol, Brazilian soccer, Trajectory.

ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO ÍDOLO A PARTIR
DA TRAJETÓRIA DE ADEMIR DA GUIA

*...I naquele tempo o palmeirense ia ao estádio com a
certeza de que seu time ia jogar bem;
podia até não ganhar, mas havia categoria em campo!*

Fiori Giglioti

O futebol é muito importante para a sociedade brasileira. Alguns dirão que é alienação, mas quem diz isso não entende o componente simbólico que esse esporte carrega. O futebol, o time do coração e o ídolo são capazes de dar um sentido à vida do brasileiro. O resultado dessa relação fez com que o Brasil seja considerado (talvez por nós mesmos!) o país do futebol.

Por meio do futebol a sociedade se expressa, ou seja, o povo extravasa suas características emocionais profundas. Não há como separar o futebol da imagem do povo brasileiro. Tudo isso acontece porque o futebol possui um significado específico, já que grande parte da sociedade brasileira se revela por meio de uma partida de futebol (VOGEL, 1982; DAOLIO, 2003).

O Brasil consolidou essa imagem de “país do futebol” por um longo processo de apropriação e transformação do futebol em esporte nacional. Isso pode ser revelado, como relata Mascarenhas (2004) no levantamento feito pelo Núcleo de Sociologia do Futebol da UERJ em 1993, junto aos municípios então existentes, sobre quais equipamentos de uso coletivo estavam disponíveis para a população. Os resultados indicam o “campinho de futebol” como elemento da paisagem mais frequente do que a igreja ou qualquer outro equipamento de uso coletivo.

Em âmbito nacional, a consolidação dessa imagem de “país do futebol” passou necessariamente pelos clubes e pelos ídolos. A relação estabelecida entre os torcedores e sua equipe do coração é capaz de pontuar a vida do brasileiro, conferindo-lhe, ao menos, uma história particular.

¹ Disponível em: <http://www.estadao.com.br/esportes/futebol/noticias/2006/fev/08/48.htm>. Acesso em: 3 mai. 2007.

Por isso, se você for palmeirense e com idade para tanto, certamente se recordará onde e com quem estava quando o Palmeiras conquistou a Copa Rio em 1951²; ou se lembrará onde e com quem estava quando Ronaldo fez o gol do título sobre o Corinthians na final do Campeonato Paulista de 1974; ou onde e com quem estava quando o Palmeiras goleou o Corinthians por 4 a 0 e acabou com o jejum de títulos, no Campeonato Paulista de 1993.

Essas lembranças não se fazem somente pelos títulos ou pelos grandes jogos, são construídas também por aqueles que compõem o espetáculo esportivo e pelos ídolos que representam e demarcam momentos importantes da trajetória do clube. Por isso, é importante falarmos sobre um dos maiores ídolos palmeirenses: Ademir da Guia.

Podemos analisar, a partir dos principais times brasileiros, uma série de jogadores que são considerados ídolos. No entanto, esse artigo centra-se em uma trajetória particular para, a partir dela, analisar o ídolo no futebol. Mas por que a trajetória de Ademir da Guia é interessante para se discutir o ídolo e não outro jogador? E por que o Palmeiras e não outro time? Essas perguntas são necessárias antes de avançarmos no texto, pois uma série de jogadores são classificados como ídolos do Palmeiras³. Uma série de fatores me levaram até o ex-jogador Ademir da Guia, entre eles destaco: a partir de um roteiro pré estabelecido, fruto de um

² A FIFA reconheceu a Copa Rio de 1951 como sendo uma competição oficial. O Palmeiras pleiteia que o título conquistado seja reconhecido como o Mundial Interclubes da época, já que na ocasião o torneio foi disputado por oito times (Palmeiras e Vasco do Brasil, Juventus da Itália, Nice da França, Áustria Viena da Áustria, Nacional do Uruguai, Estrela Vermelha da antiga Iugoslávia e Sporting de Portugal).

³ Basta ver no site oficial do time (www.palmeiras.com.br) uma seção voltada aos grandes ídolos do clube que já encerraram suas carreiras. Ao todo estão listados 35 jogadores e ao final da página existe um alerta de que, em breve, mais ídolos serão incluídos nessa seção. Ademir faz parte desse rol de jogadores e em seu perfil no item *História*, o site diz: "O Palmeiras nunca teve um jogador tão talentoso e que unisse perfeitamente a capacidade de conquistar títulos, com classe e a habilidade, como o "Divino" demonstrou em 16 anos de clube. Sua genialidade transcendeu as quatro linhas, virando poesia e filme. Ademir da Guia tem um busto de bronze nos jardins do estádio Palestra Itália. É o maior nome que envergou as cores alviverdes." Acesso em: 28 mar. 2010. Diante dessa importância para o clube, o nome de Ademir ganhou mais força para compor a análise do ídolo.

ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO ÍDOLO A PARTIR
DA TRAJETÓRIA DE ADEMIR DA GUIA

trabalho final de uma disciplina de mestrado⁴, deveríamos entrevistar alguém que fazia ou tinha feito parte do mundo do futebol e que, por sua vez, deveria ter tido um destaque nesse cenário. Como o roteiro era grande, logo descartei os jogadores que estavam atuando, por conta de haver todo um trâmite burocrático, via assessoria de imprensa, para chegar aos jogadores. E mesmo que conseguisse vencer a burocracia, o tamanho da entrevista dificultaria o encontro, pois ter um roteiro longo mostrou-me, em experiências anteriores⁵, que o contato se torna improdutivo, pois no “mundo do futebol” os atores do espetáculo têm uma série de compromissos o que dificulta uma entrevista mais demorada⁶.

A trajetória de Ademir da Guia será o pano de fundo para entender como o ídolo é formado, como é estabelecida a sua relação com o clube e com a torcida, enfim, como o ídolo é construído. Analisarei as etapas de formação do jogador, tais como o início no futebol, a tentativa e concretização do sonho de ser atleta de futebol profissional. Com a intenção de compor um leque de informações sobre o trajeto percorrido por esse ídolo palmeirense, utilizo diversas fontes, uma entrevista⁷ realizada com

⁴ As perguntas foram estruturadas em cinco blocos de temas: os quatro primeiros (*I – Jogo de Identidades; II – Poder e Política; III – Tempos; IV – Crenças, Ritos e Superstições*) seguiu o roteiro do trabalho final da disciplina da pós realizada no Departamento de História da USP, *História Sócio Cultural do futebol: impulso lúdico, composição e significações*, ministradas pelos professores doutores Hilário Franco Júnior e Flávio de Campos. O último bloco (*V – Ídolo*) corresponde às perguntas que utilizei na pesquisa de campo do mestrado realizado na Faculdade de Educação Física da UNICAMP.

⁵ Na Iniciação Científica entrevistei técnicos de futebol da 1ª divisão e no mestrado jogadores profissionais.

⁶ Além disso, tinha conhecimento por conta um amigo que em sua adolescência ligava para o Ademir da Guia para conversar sobre a época em que ele era o grande ídolo da equipe, período esse que meu amigo não tinha visto. Dessa forma, sabia que era fácil conseguir um número de contato com o ex-jogador via lista telefônica. Somado a esse fato, o ex-atleta estava, no momento da entrevista, no cargo de vereador em São Paulo o que facilitava o acesso para agendar a entrevista.

⁷ Foi realizada uma entrevista semiestruturada, pois esta permite ao entrevistado esclarecer os pontos colocados, segundo seus conhecimentos sobre o assunto tratado e fazer novos questionamentos a partir do que foi respondido (TRIVIÑOS, 1987).